



A luta da URAP nos tempos actuais

Vivemos hoje tempos muito difíceis e perigosos, tanto a nível nacional como internacional. O Governo PSD/CDS prossegue e intensifica uma política de direita dirigida contra os interesses dos trabalhadores e do povo, que não é mais do que um instrumento ao serviço da exploração, da maximização dos lucros de grupos económicos e multinacionais, que se tem vindo a traduzir no agravamento dos problemas que enfrentamos. Continuam as injustiças e desigualdades, o ataque aos direitos e liberdades democráticas, agravam-se as dificuldades dos trabalhadores com a continuação dos baixos salários, incapazes de suportar o aumento do custo de vida, e de ter direito a uma habitação digna, a progressiva erosão de serviços públicos como o SNS e a Escola Pública, após anos e anos sem um investimento adequado e necessário, a falta de uma rede de creches com cobertura nacional, situação que contrasta de forma gritante com o aumento de lucros dos grandes grupos económicos. As condições de trabalho também pioram, bem como a desregulação da vida pessoal e familiar, consequência do trabalho por turnos, do trabalho noturno ou da precariedade dos vínculos laborais. Os jovens continuam a ser das grandes vítimas deste sistema, muitas vezes sem perspectiva de autonomia e independência em relação às famílias, ou de iniciar a sua própria família. É com grande preocupação que vemos o projecto de alteração à legislação laboral apresentado pelo Governo, que mais não

visa do que retirar ainda mais os direitos alcançados com a Revolução de Abril e que estão consignados na Constituição da República. Neste contexto é dever de todos os democratas denunciar a política de direita levada a cabo pelo Governo PSD/CDS, mas também denunciar o crescimento das forças de natureza fascista, e as suas tentativas de reescrever a história e de apagar a memória do que foi o regime fascista e dos seus crimes. É dever de todos os democratas denunciar o crescimento do racismo e xenofobia, alicerçado em preconceitos e estereótipos, da mentira, do ódio e do individualismo, fragilizando a normal solidariedade entre os trabalhadores.

Também a nível internacional sobram os motivos de grande preocupação, com a situação política e económica cada vez mais subordinada aos interesses belicistas e à indústria de armamento: persiste a guerra na Ucrânia, agrava-se a situação na Palestina, com o extermínio do seu povo, perpetrado pelo governo racista e fascista de Israel, mas com a cumplicidade das potências imperialistas, continuam os bloqueios por exemplo a Cuba ou Venezuela, agravados ultimamente pelas acções provocatórias e inadmissíveis no Mar das Caraíbas, uma clara ameaça à paz e segurança e o lançamento de uma guerra comercial decretada pela administração Trump. A situação de fome aguda na Faixa de Gaza, com centenas de mortos por

subnutrição, metade dos quais crianças, confirmada por estruturas da ONU, é um crime que não podemos deixar de denunciar. É urgente pôr fim à guerra, e é fundamental dar uma oportunidade às diversas propostas de mediação que têm sido avançadas, com o objectivo de uma solução política para o conflito.

Este Boletim é editado em vésperas das eleições autárquicas, pelo que não é despidendo lembrar a sua importância para o bem-estar e para a vida das populações e resolução de alguns dos seus problemas. Num contexto marcado pela ascensão das forças mais reaccionárias de extrema-direita, é fundamental que os democratas, os antifascistas se empenhem nesta batalha, esclarecendo a verdadeira face do fascismo, e mobilizando todos os que defendem os ideais de Abril e um Portugal democrático e de progresso.

Vivemos tempos difíceis, mas acreditamos na determinação e coragem do nosso povo, que saberá em cada momento resistir e lutar por uma vida digna e pela defesa do Portugal de Abril. Também é nosso dever continuar a exigir o fim imediato do genocídio na Palestina, continuar a luta pelo desarmamento e pela paz na Europa, é urgente pôr fim à guerra e ao seu rasto de milhares de vítimas e destruição, é urgente a Paz.

Ana Páscoa

Nos 80 anos da vitória dos povos na Segunda Guerra Mundial: lições para a luta que continua

A URAP promoveu um conjunto de conferências evocativas deste acontecimento e os desafios presentes da luta contra o fascismo e a guerra - Págs. 6 a 7

Conselho Nacional aponta linhas de acção antifascistas - Pág. 10

URAP recebe medalha da Câmara Municipal de Peniche - Pág. 12



URAP apresenta livros em vários pontos do País



O coordenador da URAP, José Pedro Soares, apresentou, dia 20 de Junho, na Feira do Livro de **Lisboa**, dois livros da colecção Páginas de Memória: “Forte de Peniche - memória, resistência e luta” e “Elas estiveram nas cadeias do fascismo”. A sessão de apresentação e autógrafos contou com a presença de dezenas de pessoas e com a participação de Elisabete Glória, que fez a leitura de poemas de Agostinho Neto, David Mourão Ferreira, José Saramago, Glória Marreiros e Maria Teresa Horta.

O livro “Elas estiveram nas prisões do fascismo”, em 6ª edição, foi apresentado na Feira do Livro do **Porto** por Maria José Ribeiro, do Conselho Nacional da URAP e ex-presa política, e Joana Bordalo e Sá, médica e presidente da Federação Nacional dos Médicos (FNAM).

Maria José Ribeiro, referindo-se a este livro da colecção Páginas de Memória da URAP, afirmou que descreve “as

experiências prisionais e de resistência de milhares de mulheres e homens portugueses, que cumpriram centenas de anos de privação da liberdade nas prisões de Peniche, Caxias, Angra do Heroísmo, Aljube e Tarrafal”. A oradora fez uma resenha das organizações femininas que lutaram durante o fascismo, como o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. Em seguida falou Joana de Bordalo e Sá, médica, presidente da FNAM, que lembrou o estatuto de inferioridade a que o fascismo votou as mulheres e o facto de terem sempre existido mulheres com coragem para vencer preconceitos e lutar pelos seus direitos. Referiu o heroísmo das mulheres que se manifestaram, fizeram greve ou assumiram outras lutas, quando isso era proibido e as podia levar à prisão.

O livro “Forte de Peniche, Memória Resistência e Luta”, uma edição da URAP destinada a divulgar o Forte de Peniche como cadeia política e a vida dos antifascistas lá presos, foi apresentado por João Neves, do Conselho Directivo, dia 18 de Julho, na Feira do Livro de **Peniche**. Na obra encontramos temas como o preservar da memória do Forte, a breve história da fortaleza, as diversas fugas para retomar a luta - nomeadamente a fuga colectiva de 1960 que incluía Álvaro Cunhal -, a libertação dos presos a 27 de Abril de 1974. No final, surgem os nomes das 2494 pessoas que ali estiveram detidas, um levantamento feito pela URAP.

No dia 7 de Setembro, na Festa do Avante!, realizou-se um debate sobre as edições da URAP e o que elas representam de fixação, documentação - e denúncia - do fascismo e de valorização da resistência e das conquistas de Abril.

José Pedro Soares, coordenador da URAP, António Vilarigues, do Conselho

Directivo, e Alberto Andrade, do Conselho Nacional e do Núcleo de Viseu/ Santa Comba Dão, estiveram presentes numa sessão, a 19 de Julho, na Casa da Cultura de **Santa Comba Dão**, para apresentar a 6.ª edição do livro “Cadeia de Caxias, a repressão fascista e a luta pela liberdade”. Com a presença do vereador da Cultura, Agostinho Marques, em representação do presidente da Câmara, que não pôde comparecer, e de dezenas de participantes naturais de Santa Comba Dão e de outros concelhos do distrito de Viseu, foi apresentada a obra que enumera, um a um, os mais de 10 mil presos da PIDE que passaram por essa cadeia, entre os quais 27 de Santa Comba Dão.

O coordenador da URAP deixou clara, uma vez mais, a posição da organização sobre a abertura em Santa Comba Dão de um “Museu Salazar”, com esse ou outro nome. José Pedro Soares agradeceu a presença do vereador da Cultura e de outros elementos ligados à autarquia, lamentando a impossibilidade do presidente da Câmara Municipal, Leonel Gouveia, em estar presente, porque teria sido uma boa oportunidade para falar sobre esse projecto, visto que o Município continua a desrespeitar o parecer da Assembleia da República e a opinião de democratas e antifascistas, entre eles a de muitos ex-presos do fascismo e de suas famílias.

O projecto, chamado agora “Centro Interpretativo” mantém o seu objectivo, isto é, o de desenterrar o ditador e possibilitar, aos que nunca se conformaram com o 25 de Abril, ter um local para romarias saudosistas.

José Pedro Soares afirmou, nomeadamente: “sugerimos que o Município abandone essa ideia, esse projeto conflituoso” (...), “que escolha outro

URAP

URAP

Propriedade e edição da
**UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS
PORTUGUESES**

Membro da Federação Internacional de Resistentes

DIRECTORA **ANA PATO**

REDACTORA **LUÍSA TITO DE MORAIS**

PAGINAÇÃO E GRAFISMO **SÓNIA SEMIÃO**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DA BENEFICÊNCIA Nº 239-A, 1600-019 LISBOA •
TELEFONE 213 576 083

DEPOSITO LEGAL: 357338/18



motivo para promoção do Concelho - não faltarão ideias e projetos atrativos. Mas desenterrar o ditador, isso não”.

O vereador da Cultura agradeceu o convite da URAP e sublinhou “que em Santa Comba Dão eram precisas mais sessões como esta para se saber de viva-voz como foi o fascismo”. Referindo-se ao Centro Interpretativo afirmou “que era para avançar”.



O livro “Cadeia de Caxias – A repressão fascista e a luta pela liberdade”, uma edição da URAP de Março de 2024, foi apresentado, dia 27 de Junho, na Biblioteca Vicente Campinas, em **Vila Real de S. António**, por Adriano Encarnação, do núcleo da Moita. A sessão, na qual participaram cerca de 30 pessoas, foi aberta pelo vereador da Câmara Municipal de Vila Real de S. António Fernando Horta que, após ter dado as boas-vindas aos presentes, elogiou o trabalho desenvolvido pela URAP.

Irene Encarnação, do Conselho Nacional e do núcleo da Moita, deu uma panorâmica do trabalho efectuado pela URAP desde a sua criação, e afirmou que a organização é uma força imprescindível na luta pela paz, a democracia, a defesa dos valores de Abril e a preservação da memória. Coube a Adriano Encarnação falar sobre o conteúdo do livro, nomeadamente da cadeia de Caxias, como símbolo de repressão e de tortura, de estatística, das fugas, e dos mais de 10 mil nomes de presos políticos que constam na obra.

O livro “Forte de Peniche: memória, resistência e luta” foi apresentado, dia 13 de Setembro, na Biblioteca Municipal Manuel da Fonseca, em **Santiago do Cacém**. Entrevieram, na ocasião, os dirigentes da URAP José Pedro Soares e Edgar Costa, e a vereadora da cultura da Câmara Municipal, Sónia Gonçalves. Houve ainda um momento cultural, com a leitura encenada de poesia, com Luís Cruz, do Conselho Nacional da URAP.

Almoço do núcleo do Seixal

O Núcleo do Seixal da URAP organizou, dia 14 de Junho, no Clube Recreativo das Paivas, freguesia de Amora, o tradicional almoço de convívio dos sócios e amigos do núcleo, com a presença de Carlos Mateus, do Conselho Directivo, e de Paulo Silva, presidente da Câmara Municipal do Seixal.

No almoço, ao qual compareceram uma centena de pessoas, Carlos Mateus saudou a iniciativa do núcleo, sublinhando que o mesmo mantém há longos anos uma significativa capacidade mobilizadora, contando com o apoio da Câmara Municipal

do Seixal, para a realização de actividades fora do concelho.

Paulo Silva, que é recandidato ao cargo de presidente da autarquia, destacou a evolução do concelho do Seixal, que nos últimos 50 anos passou de um concelho pobre e rural, no qual tudo faltava, para um dos mais evoluídos do país, desde sempre governado pelos comunistas e seus aliados.

No final os presentes assistiram a um momento musical protagonizado pelo grupo Amigos de Abril.



URAP na concentração solidária junto ao teatro A Barraca, em Lisboa

A URAP, entre outras organizações, e muitas centenas de pessoas concentraram-se, dia 15 de Junho, junto ao teatro A Barraca, em Lisboa, em solidariedade com a agressão ao actor Adérito Lopes, e a intimidação a outros actores por um grupo neonazi. Joana Gonçalves, da direcção da URAP, expressou “solidariedade aos actores da Companhia de Teatro A Barraca e o repúdio pela provocação e pela cobarde agressão levada a cabo por membros de uma organização neonazi”.



Monumento “Esperança, Coragem, Liberdade” inaugurado no Montijo

O monumento “Esperança, Coragem, Liberdade”, uma homenagem aos ex-presos políticos com ligação ao Montijo, foi inaugurado, dia 14 de Agosto, no Bairro da Liberdade, no âmbito das comemorações do 40.º aniversário da elevação do Montijo a cidade.

A obra escultórica, da autoria de Hugo Maciel, foi elaborada por proposta dos vereadores da CDU na Câmara do Montijo com a colaboração do Núcleo da URAP do Montijo.

A cerimónia contou com a presença da presidente da Câmara, Maria Clara Oliveira Silva, que recitou um poema de José Afonso. A URAP estava representada por Adriano Encarnação, do Conselho Directivo.



Núcleo de Montemor percorre Caminhos da Resistência

O Núcleo da URAP de Montemor organizou, dia 9 de Junho, um Roteiro da Resistência, que percorreu os lugares icónicos da freguesia durante a luta antifascista e terminou com uma sessão evocativa no Auditório da Biblioteca Municipal, na qual interveio Joaquim Judas, médico e vice-presidente da Assembleia Geral da URAP.

O grupo encontrou-se junto ao monumento dos Resistentes Antifascistas do Alentejo, onde houve uma breve intervenção explicativa feita por Vitalina Sofio, membro da URAP, em seguida parou na Praça de Touros de Montemor, onde em 1945 se realizou um grande protesto por melhores jornas e contra a fome.

A Câmara Municipal, onde está o Monumento ao Resistente Antifascista José Adelino dos Santos, assassinado a tiro naquele local em 1958, quando o povo se manifestava contra a fraude nas eleições presidenciais de Humberto Delgado e por melhores jornas, foi o local seguinte.

Na Biblioteca, após um almoço num restaurante local, observaram trabalhos feitos na prisão por alguns dos presos de Montemor. Após o que se dirigiram para uma visita guiada no Centro Interpretativo “Levantado do Chão” de José Saramago.



Feira de Agosto em Grândola

O núcleo da URAP do Litoral Alentejano participou, em Grândola, na Feira de Agosto, entre 28 de Agosto e 1 de Setembro, com stand próprio, onde expôs e vendeu livros, distribuiu folhetos e o Boletim, e projectou o documentário “Se fores preso, camarada”, de Tiago Pereira, que foi exibido a primeira vez em Grândola no âmbito do programa de comemorações dos 45 anos do 25 de Abril.

Partindo da lista dos presos políticos grandolenses (1937 - 1974), facultada por munícipes ligados à luta antifascista, recolheu-se, na primeira pessoa, o testemunho de dezasseis ex-presos políticos.

O stand da URAP tornou-se num ponto de encontro que permite o contato com os visitantes e a permanente troca de opiniões. Local



por onde passaram alguns dos ex-presos políticos ligados ao Litoral Alentejano, com a presença de pessoas oriundas de Alcácer do Sal, Grândola, Santiago de Cacém e Sines.

Falam os núcleos

Damos uma vez mais expressão, nesta rubrica, à organização e actividade dos núcleos da URAP, fundamental para a troca de experiências e o reforço da implantação local da URAP

Santarém

Santarém tem marcado presença nos eventos da URAP há vários anos.

A 3 de Dezembro de 2024 ocorreu a primeira reunião formal com vista a constituir-se um núcleo, a nível distrital, sem prejuízo de, face ao crescimento, de uma eventual autonomização de núcleos concelhios.

Têm-se realizado vários encontros, com realce para a presença de resistentes dos concelhos de Alpiarça, Coruche – sobretudo da freguesia do Couço, Almeirim, Entroncamento e Santarém.

No último encontro, em Alpiarça, dia 22 de Julho de 2025, foi registado o maior número de presenças, e decidido realizar, durante este ano, sessões para apresentar os livros da colecção Páginas da Memória, que a URAP tem editado.

Alpiarça informou estar a diligenciar a criação de um núcleo concelhio, perante



a adesão de inúmeros resistentes e o passado histórico de dezenas de companheiros, que estiveram na luta clandestina e nas prisões, durante largos anos.

Nos últimos anos, realizaram-se encontros/sessões em escolas, com centenas de jovens e muitos professores, nomeadamente em Torres Novas, Salvaterra de Magos, Coruche e Almeirim.

Na cidade de Santarém já foram apresentados vários livros, editados pela URAP, estando em fase final de apresentação pública do livro “Santarém na Luta pela Liberdade”, com cerca de 400 páginas, centrado nos presos políticos e nas muitas lutas no concelho de Santarém, uma edição da URAP e das Comemorações Populares do 25 de Abril - associação cultural.

Setúbal e Palmela

O núcleo de Setúbal e Palmela, que engloba associados dos dois concelhos vizinhos, teve a sua origem pouco tempo depois da criação da URAP a nível nacional, em 1976, sob o impulso de um grupo de associados, destacados antifascistas da região, como Américo Leal, Francisco Lobo, Vítor Zacarias, Álvaro Rodrigues e Álvaro Dias, entre outros.

Américo Leal assumiu um papel determinante para a criação da então delegação de Setúbal da URAP, fomentando a participação de debates, encontros e sessões de esclarecimento sobre a resistência antifascista, a Revolução do 25 de Abril de 1974 e o legado democrático, envolvendo centenas de pessoas, e em particular, crianças e jovens em idade escolar.

A sede do núcleo funciona numa pequena loja situada na Travessa do Garim, n.º 1, em Setúbal, cedida através de protocolo com a Câmara Municipal de Setúbal, estando aberta ao público todos os dias úteis.

O núcleo, composto por 120 associados (97 de Setúbal e 23 de Palmela), tem um coordenador, Jacinto Artur Santos, e um grupo executivo, formado por cinco

associados, reúne quinzenalmente e participa regularmente em reuniões regionais e nacionais da URAP, particularmente nas reuniões do Conselho Nacional, do Conselho Directivo (alargado) e nas assembleias gerais, bem como nas iniciativas nacionais da URAP.

A apresentação e a divulgação dos livros e das iniciativas da URAP, em articulação com as câmaras municipais e juntas de freguesia e as sessões e atividades nas escolas dos dois concelhos têm sido a prioridade da intervenção do núcleo, sendo o reconhecimento da URAP junto da comunidade o nosso principal ponto forte.

O ponto mais fraco diz respeito à frágil organização interna, à dificuldade em envolver um número significativo de associados na vida do núcleo, contradizendo a forte mobilização quando levamos associados a iniciativas nacionais, nomeadamente ao Forte de Peniche ou ao Museu Nacional Resistência e Liberdade.

Quer pelo seu significado político, quer pela participação de jovens estudantes da Escola Secundária de Palmela na elaboração da Cápsula do Tempo, que será aberta em 2075, o Memorial aos Re-



sistentes Antifascistas do Concelho de Palmela (no qual a URAP esteve envolvida) foi a iniciativa mais destacada das Comemorações do 25 de Abril.

Num momento tormentoso, em que a luta contra o fascismo, por Abril e pela Paz se torna mais emergente, os associados do núcleo de Setúbal e Palmela têm participado activamente em todas as iniciativas.

URAP assinala os II Guerra Mundial e da vi

A 9 de Maio de 1945, o Exército Vermelho da União Soviética forçou a capitulação do exército nazi em Berlim, permitindo a libertação. saíram à rua para comemorar o fim da guerra mais mortífera da História, que terá feito 80 milhões de mortos, desencadeada pela Alemanha. A URAP moveu um conjunto de iniciativas em vários pontos do País evocando esta data e procurando projectá-la no presente e no futuro.



Aveiro



Almada



Lisboa



Moita e Barreiro

A sessão promovida pelo Núcleo de **Aveiro**, para a qual a URAP convidou o historiador Manuel Loff, ex-deputado à Assembleia da República, decorreu dia 19 de Julho no Auditório Municipal de Aveiro.

Na palestra, dirigida pelo associado Filipe Guerra, na qual participaram cerca de 75 pessoas, o professor da Universidade do Porto e investigador no Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa abordou o percurso histórico que deu origem às duas guerras mundiais: a crise do capitalismo, a repressão exercida para impedir o alargamento da luta dos trabalhadores pelo socialismo e o consequente avanço do fascismo. Após afirmar que a História não se repete, Manuel Loff relacionou, contudo, os acontecimentos no início do século passado (anos 20) com o panorama político actual.

A sessão promovida pelo núcleo de **Almada** na Academia Almadense, dia 11 de Junho, teve como orador Gustavo Carneiro, jornalista e membro da direcção do Conselho Português para a Paz e Cooperação (CPPC). Cerca de 40 pessoas estiveram presentes na sessão, dirigida por Joaquim Judas, vice-presidente da Mesa da Assembleia Geral da URAP. Gustavo Carneiro recordou o percurso histórico que conduziu às duas guerras mundiais, pelas mãos do grande capital,

tendo por objetivo central a derrota da União Soviética e impedir a expansão da luta dos trabalhadores pelo socialismo nos países da Europa ocidental.

Depois de afirmar que a Guerra Civil de Espanha foi um importante exemplo disso, com o disfarçado apoio da ditadura fascista de Salazar aos nacionalistas de Franco, o orador destacou a vergonhosa falsificação da História protagonizada pela UE, EUA e NATO nas comemorações, este ano, do final da II Grande Guerra.

A sessão promovida pelo núcleo da URAP de **Lisboa**, dia 3 de julho, na Casa do Alentejo, denominada “80 anos da vitória sobre o nazi-fascismo e a actualidade na Europa e no Mundo”, foi ministrada por Jorge Cadima, professor do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa. A conferência, na qual participaram cerca de 70 pessoas, foi moderada por César Roussado, do Conselho Directivo da URAP.

Jorge Cadima, depois de considerar a II Guerra Mundial como “o maior conflito bélico na História da Humanidade (até hoje) que marcou de forma brutal a História do Século XX”, falou sobre a actualidade. Alertou para que “hoje, infelizmente, a questão do fascismo e da guerra estão de novo na ordem do dia”.

“A maior e mais mortífera guerra da História” terá feito “80 milhões de mortos (militares e civis), cerca de 3,5% da população mundial de então”, sendo os dois países com maior número de mortos a União Soviética, com 20 a 27 milhões, e a China, com 20 a 30 milhões de mortos”, afirmou. “Só no cerco de Leninegrado (900 dias, onde o nazismo tentou vergar pela fome a segunda maior cidade da URSS, de mais de 3 milhões de habitantes – impossível evitar o paralelo com o que se passa hoje em Gaza -, morreram mais pessoas (1,5 milhões) do que todas as mortes militares em 250 anos de história dos EUA”, disse. Para Jorge Cadima, “o fundamental do embate militar foi entre a Alemanha Nazi e a União Soviética”. Na sessão promovida pelos Núcleos da URAP da **Moita e Barreiro**, dia 21 de Junho, no Ginásio Atlético Clube da Baixa da Banheira, entrevistaram Rosalina Carmona, do Núcleo do Barreiro, e Gustavo Carneiro. Na sessão, dirigida por Armando Morais, do Conselho Nacional da URAP e do Núcleo da Moita, à qual assistiram cerca de 50 pessoas dos dois concelhos, Rosalina Carmona aludiu que recolheu os dados da sua intervenção na Torre do Tombo que incidiram em duas manifestações de regozijo pelo fim da guerra, ocorridas nos dias 8 e 9 de Maio de 1945, na Quinta dos Ingleses no Barreiro, reprimidas pela polícia e em que foram presas 18 pessoas, duas mulheres e 16 homens.

80 anos do fim da história sobre o nazi-fascismo

o da Europa. No próprio dia, milhões de pessoas manha, a Itália e o Japão em 1939. A URAP promove os ideais democráticos e antifascistas.



Porto

Gustavo Carneiro, por seu lado, referiu-se aos actuais perigos de generalização da guerra, face aos conflitos actualmente existentes e à corrida armamentista que os EUA, NATO e UE promovem, por influência da direita e extrema-direita que continua a crescer e a dominar a cena internacional incluindo Portugal.

Sublinhou, tal como fizeram outros participantes, a necessidade da URAP prosseguir e intensificar o trabalho de esclarecimento junto das populações e em particular dos jovens estudantes, e a importância da luta pela Paz e pela defesa da democracia”.

A sessão promovida pelo núcleo do **Porto** a 21 de Junho teve lugar no salão do Palacete dos Visconde de Balsemão. Meia centena de pessoas acorreu à iniciativa, que foi apresentada pelos membros do Conselho Nacional da URAP, Mário Esteves e Maria José Ribeiro. O professor António Avelãs Nunes, na sua comunicação, analisou a perigosa situação que se vive hoje no mundo, denunciando o papel seguidista da União Europeia, que sempre seguiu “respeitosamente” a liderança de Washington: os EUA e os seus aliados, acrescentou, são os principais responsáveis pelo “desastre” que se vive actualmente no Leste da Europa. A História, conclui, “julgará severamente os EUA e os seus aliados pela sua notoriamente louca política na Ucrânia”.

“A ascensão do fascismo foi possível primeiro no contexto da crise do pós-Primeira Guerra Mundial e como reacção furibunda da burguesia ao triunfo da Revolução Soviética e ao impacto desta à escala mundial; depois no contexto da mais importante crise histórica do capitalismo (a Grande Depressão de 1929-36). Em ambos casos, ele só conseguiu triunfar em fases de refluxo do movimento operário, de divisão das forças de esquerda que lhe poderiam oferecer resistência, das hesitações e impotência da social-democracia e da capitulação dos liberais perante o fascismo – tudo factores com que nos deparamos de novo no século XXI.”

Manuel Loff

“A Humanidade tem uma eterna dívida de gratidão para aqueles que não desistiram, não soçobraram e acabaram por derrotar o nazi-fascismo - à custa de inauditos sacrifícios e baixas - e libertar a Humanidade dessa fera genocida. Em primeiro lugar: o povo soviético, o seu Exército Vermelho, o seu Partido Comunista que dirigia o Estado (...). A História mostra (e a História da Segunda Guerra Mundial em particular) a barbárie de que são capazes as classes dominantes para preservar o seu poder e a sua riqueza. Essa barbárie está à mostra, há 21 meses, no genocídio do povo palestino, agora com o horror que ultrapassa tudo: os sucessivos e impunes massacres diários de dezenas de famintos que se dirigem ao que chamam de postos de distribuição de alimentos, e em vez de pão recebem balas.”

Jorge Cadima

“Propagandeada como um instrumento para defesa do mundo livre, a NATO acolheu, entre os seus membros fundadores, o Portugal fascista e colonialista, sendo que os criadores da NATO reconheceram oficialmente que «a adesão à Aliança significou um maior prestígio e o reforço do estatuto de Portugal no seu conjunto, tendo oferecido ao governo português um maior grau de estabilidade na frente doméstica». Plenamente consciente do crime que estava a cometer, o mundo livre condenou o povo português a mais trinta anos de fascismo!.”

António Avelãs Nunes

“A ascensão ao poder do partido nazi resultou do apoio e financiamento de banqueiros, industriais e grandes proprietários rurais ao seu programa ferozmente militarista, expansionista, anticomunista e antidemocrático. No complexo de campos de concentração de Auschwitz-Birkenau, tudo era financiado pelo Deutsche Bank. A IG Farben-Bayer, fornecedora do gás mortal Zyklon B, a IBM, a Metall Union, a Krupp, a Allianz, a Opel, a BMW ou a Volkswagen, entre outras, contribuíram decisivamente para o esforço de guerra e o complexo concentracionário nazi-fascistas e beneficiaram da mão-de-obra escrava cedida pelos campos de concentração. Em 1943, havia 12 milhões de trabalhadores escravizados na Alemanha.”

Gustavo Carneiro

Solidariedade com Palestina e Cuba por um mundo de paz e cooperação

A URAP participou com outras organizações, nomeadamente o Conselho Português para a Paz e Cooperação (CPPC), a Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses – Intersindical Nacional (CGTP-IN), o Movimento pelos Direitos do Povo Palestino e pela Paz no Médio Oriente (MPPM) e o Projecto Ruído - Associação Juvenil, nas muitas acções pela paz e em solidariedade com o povo palestino realizadas por todo o País.

No dia 17 de Junho, sob o lema de «Fim ao genocídio, reconhecimento do Estado da Palestina já!», a URAP esteve presente em Lisboa, na manifestação que partiu do Largo de Camões para a Assembleia da República, e em Setúbal, no acto público de colocação de bandeiras da Palestina na Avenida Luísa Todi, junto ao Coreto.

As organizações promotoras exigiram um cessar-fogo imediato e permanente, o fim dos bombardeamentos e dos



crimes israelitas, o fim do cerco à Faixa de Gaza, o respeito pelo direito internacional e o cumprimento das resoluções da ONU que há décadas determinam a criação de um Estado da Palestina soberano, independente e viável, o fim do genocídio

e o reconhecimento do Estado da Palestina por parte do governo português.

Esteve nestas como noutras anteriores e continuará a estar até que a Palestina seja livre.

Fim ao bloqueio a Cuba

A URAP associou-se à Campanha de Solidariedade “Por Cuba! Fim ao Bloqueio”, lançada pela Associação de Amizade Portugal Cuba (AAPC), que está a decorrer ao longo de 2025, reconhecendo a profunda injustiça que representa o desumano bloqueio económico, comercial e financeiro imposto pelos EUA, que dura há mais de 60 anos.

O bloqueio, que cria enormes dificuldades ao quotidiano do povo cubano, tem por objetivo impedir o desenvolvimento económico e social de Cuba e constitui uma flagrante violação dos direitos humanos e do direito internacional, e o seu fim foi já reiteradamente exigido pela comunidade internacional, quer através de inúmeras manifestações populares realizadas em muitos países, entre os quais Portugal, quer pelas resoluções aprovadas pela Assembleia Geral das Nações Unidas.

As resoluções da ONU têm contado com o voto de Portugal, conforme preconiza o artigo 7.º da Constituição da República Portuguesa.

Cuba é inteiramente merecedora da nossa solidariedade e deve ter condições para manter a sua soberania e independência. Tem sido, ao longo dos tempos, um país amigo dos povos do mundo, pondo ao serviço de outros países equipas de médicos e investindo na ciência, nomeadamente nas ciências biomédicas.

O Conselho Directivo da URAP apela a todos os seus associados para uma contribuição solidária, financeira (NIB: PT50 0033 0000 0058 0164 1169 7) ou material (brinquedos, material escolar, medicamentos, material hospitalar, equipamentos geriátricos).

Contactos da Associação de Amizade Portugal Cuba: c.solidariedade.cuba@gmail.com; +351 962 022 208/7

Solidariza-te e contribui.

Cuba vencerá!

POR CUBA!
FIM AO BLOQUEIO
CAMPAÑA DE SOLIDARIEDADE

Contribuição financeira:
NIB PT50 0033 0000 0058 0164 1169 7

Contribuição material:
c.solidariedade.cuba@gmail.com
+351 962 022 208 / 7

As organizações promotoras

URAP envia carta às escolas no início do ano lectivo

A visita às escolas para falar com alunos e professores tem sido uma das vertentes mais importantes do trabalho da URAP. É dever de uma organização de resistentes antifascistas contar aos jovens o que foi o fascismo, o 25 de Abril de 1974, a construção da democracia. Para que a memória não se apague.

Estas sessões nas escolas, universidades, escolas profissionais e universidades sénior no Continente e Ilhas ocorrem durante todo o ano lectivo e têm particular ênfase de Fevereiro a Maio de cada ano para debater a “Escola e o 25 de Abril”. Para tal, no início do ano lectivo 2025/26, a URAP endereçou esta carta aos estabelecimentos de ensino:



“À Comunidade Educativa,

Uma vez mais estamos convosco para celebrar Abril nas escolas. Destacamos a importante e decisiva participação dos professores e a mobilização dos seus alunos para as mais diversificadas iniciativas.

Em todas elas foi lembrado o que representou a Revolução de Abril, a derrota do fascismo, a conquista da liberdade, esse grande passo em frente na vida dos portugueses.

Nessas escolas, estiveram presentes ex-presos políticos e outros membros da URAP, em centenas de encontros com milhares de alunos e professores, em inesquecíveis conversas, testemunhos e momentos de reflexão sobre a nossa história contemporânea, a vida e a luta dos portugueses pelos direitos, pela democracia e pela liberdade, diálogos que certamente ajudaram a preencher as consideráveis lacunas de alguns manuais escolares.

O importante continua a ser lembrar que a Revolução de Abril foi um acontecimento transformador, cujos avanços e conquistas proporcionam tantos direitos e elevados benefícios para todas as gerações, avanços históricos que é indispensável ter consciência do seu valor, para melhor os podermos usufruir e defender. Foi o fim do fascismo, do colonialismo e das guerras coloniais; a conquista dos direitos fundamentais e a liberdade; dos direitos das mulheres, da realização de eleições livres e da nova Constituição da República; a escola pública para todos, a Segurança Social e o Serviço Nacional de Saúde.

Queremos continuar “O 25 de Abril nas escolas”, através das habituais sessões, encontros, debates onde poderão participar com a sua experiência e seus depoimentos ex-presos políticos, mulheres e homens, resistentes da luta antifascista.

Queremos continuar a dar a “Conhecer a Constituição da República Portuguesa”, o que significa e inscreve esse extraordinário documento, o que assegura a todos nós, mulheres e homens - da infância à velhice; conhecer a dimensão humana e progressista desta lei geral do país e quanto é importante cada aluno (a) folhear, ler, conhecê-la e até saber como foi possível a sua elaboração, aprovação e promulgação.

Queremos continuar a levar-vos os valores da fraternidade e amizade, os valores da dignidade, liberdade e da Paz entre todos os povos.

Bom ano escolar 2025/2026, aguardamos o vosso contacto!

Com os melhores cumprimentos,

O Conselho Directivo da URAP”

Organizar para melhor intervir na área da resistência antifascista

A Assembleia Geral da URAP de 22 de Março de 2025 fez um balanço da organização, dos fundos e dos objectivos da organização e tomou diversas medidas visando o seu reforço, como condição essencial para o prosseguimento da sua intervenção no âmbito da resistência antifascista.

É uma verdade inquestionável de que o melhoramento no âmbito da organização da URAP tem consequências muito positivas na actividade que a URAP vem desenvolvendo. Inversamente, a actividade multifacetada da URAP tem repercussões nas questões organizativas e financeiras.

Para tal, algumas condições são fundamentais para se atingir os objectivos definidos pela URAP, nomeadamente:

- o reforço de inscrições de homens, mulheres e jovens que se revejam nos conteúdos e na acção da URAP;
- a promoção da participação activa dos associados da URAP no reforço da associação, consoante a sua possibilidade e disponibilidade;
- a constituição de mais núcleos, a juntar aos existentes, estruturas essenciais para promover iniciativas locais e regionais;
- a criação de condições para que dois ou três associados coordenem os núcleos, reunindo regularmente e dinamizando iniciativas.



Cabe ao Conselho Directivo e à Comissão Executiva fazer o acompanhamento e controle das decisões assumidas, que para tal decidiu a criação de um grupo de trabalho para os assuntos referentes à organização - actualização dos ficheiros de sócios e do Boletim, cartões, contacto com os associados, entre outros -, e a constituição de um grupo de trabalho para as questões financeiras - nomeadamente, quotizações, livros das edições da URAP, iniciativas, protocolos. Os grupos reúnem regularmente e constataam que o trabalho realizado está a dar frutos.

A criação de uma base de dados foi uma ferramenta indispensável para todo este trabalho. Como prova disso encontramos vários exemplos, como aquando da inscrição de um novo associado, este

recebe de imediato, por e-mail, uma mensagem de boas-vindas ao seio da URAP; após a aprovação da inscrição é de imediato emitido o cartão da URAP; o novo associado é convocado para uma reunião do núcleo no qual ficou inserido.

Há que aperfeiçoar ainda todo o método, que manifesta algumas insuficiências, mas a participação dos núcleos é essencial e determinante para se atingir os objetivos, sendo um trabalho diário e perseverante. Ao mesmo tempo que nas reuniões do Conselho Directivo e Comissão Executiva se discute a forma de atingirmos esse propósito.

Na próxima reunião do Conselho Nacional da URAP dar-se-á uma informação rigorosa, quer no plano das questões organizativas, quer no plano dos fundos.

Conselho Nacional reunido em Lisboa

O Conselho Nacional da URAP reuniu-se, dia 28 de Junho, na sede da Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio e Desporto, em Lisboa, com a presença de mais de quatro dezenas de membros, para analisar o resultado das eleições legislativas de 18 de Maio e o avanço da extrema-direita que levou a uma alteração da correlação de forças no parlamento e a um Programa de Governo de direita.

Foram ainda debatidos outros aspectos da situação política actual e do quadro em que a URAP intervém, fazendo-se ainda o balanço da actividade realizada e a perspectivou-se a actividade futura. No final, foi aprovada, na generalidade, uma resolução política, intitulada “A URAP pelo cumprimento da República Portuguesa e da Paz”.



A resistência antifascista no combate ao “novo/velho” Pacote Laboral do Governo PSD/CDS



O combate e a denúncia da URAP aos ataques contra os direitos fundamentais e sindicais dos trabalhadores foi, é e será uma das formas de resistência antifascista.

Basta lembrar sucintamente a luta dos trabalhadores, em 1934, contra a fascização dos sindicatos, com destaque para os operários vidreiros e a população da Marinha Grande, à boa maneira da “Carta de Lavoro” do fascismo italiano e de Mussolini, e a entrevista do duce em Lisboa por António Ferro, director do Secretariado da Propaganda Nacional (SPN), o equivalente a ministro da propaganda de Salazar.

Essa histórica luta levou à prisão de centenas de resistentes antifascistas e à deportação de dezenas para a Fortaleza de S. João Baptista, em Angra do Heroísmo, nos Açores, e para o Campo de Concentração do Tarrafal, em Cabo Verde.

Basta lembrar as lutas operárias dos anos 40 e 60 do século passado, um pouco por todo o país, no auge da repressão fascista de Salazar, num tempo sem liberdade e sem direitos sindicais.

Basta lembrar a luta dos trabalhadores, no princípio de 1970 e até 25 de Abril de 1974, que contribuiu decisivamente para a criação, em 1 de Outubro de 1970, da Intersindical Nacional.

Basta lembrar as grandes lutas dos trabalhadores já em pleno período do regime democrático quando muitas conquistas e direitos laborais foram postos em causa, em claro confronto com a Constituição da República Portuguesa.

Os resistentes antifascistas deram sempre o seu contributo na luta do trabalho contra o capital.

Cinquenta anos depois do 25 de Abril, surgem novos ataques contra os direitos e liberdades, agora de uma forma mais sofisticada, com o eufemismo de alterações à legislação laboral.

O que está em causa

O actual Governo PSD/CDS, com esta proposta de revisão do Código do Trabalho, pretende somente beneficiar o patronato: trata-se, a ir por diante, de um retrocesso social nos direitos fundamentais dos trabalhadores portugueses.

Com o pseudo argumento de que o Código do Trabalho de 2023 é um entrave à competitividade da economia e produtividade das empresas, o Governo avança, nada menos, com mais de 100 alterações: ao direito à greve, limitação do direito à contratação colectiva, maior recorrência a contratos a termo, possibilidade de despedimento sem justa

causa, reforço de normas impeditivas do desenvolvimento do trabalho sindical, redução do tempo às mulheres trabalhadoras para amamentarem os seus filhos e muitas mais (esta última, que serviu para concentrar toda a indignação, poderá cair para que o resto passe).

Este anteprojecto, proposto pelo Governo PSD/CDS, põe em causa direitos fundamentais dos trabalhadores consagrados na Constituição da República Portuguesa, nomeadamente o direito ao trabalho e o direito à organização sindical livre e independente. Aliás, todo este ataque contra o mundo do trabalho insere-se numa ofensiva mais vasta como o desmantelamento do SNS, dificuldades nas rendas e aquisição de habitação, lei dos estrangeiros - chumbada pelo Tribunal Constitucional em algumas das suas matérias -, entre outras, e a anunciada revisão da CRP, várias vezes revista e sempre em prejuízo dos trabalhadores e do povo português.

A URAP denuncia a intenção do Governo e solidariza-se com os trabalhadores, apelando aos seus associados para que informem e esclareçam os seus vizinhos, amigos e todas as pessoas em geral. Solidariza-se com as organizações sindicais que lutam dia a dia nas empresas contra este projecto de Código de Trabalho proposto pelo Governo.

URAP agraciada com Medalha de Mérito Municipal de Dedicção da Câmara Municipal de Peniche

A Câmara Municipal de Peniche atribuiu a Medalha de Mérito Municipal de Dedicção, em prata dourada, à URAP, numa cerimónia realizada dia 4 de Agosto, “pelo importante trabalho que tem vindo a desenvolver em defesa dos valores da liberdade e do 25 de Abril, e no ano após em que comemoram os 51 anos do 25 de Abril”.

A medalha foi entregue nas comemorações do Dia do Município a João Neves, do Conselho Directivo da URAP, que a recebeu das mãos dos presidentes da Câmara de Peniche, Henrique Bertino, e da Assembleia Municipal, Joaquim Raul.

A deliberação de atribuição da medalha teve em conta o percurso e actividade levada a cabo pela URAP «fundada em 30 de Abril de 1976, tendo como objetivos a preservação da memória, do que foi o fascismo e da luta da resistência pela liberdade e pela democracia. Criada por antifascistas, que durante a ditadura, constituíram a Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos que, por sua vez, prestava apoio material e jurídico aos presos políticos e suas famílias, divulgava, através de circulares e de livros, notícias sobre a situação dos presos políticos e a fazia a denúncia da política repressiva do regime», lê-se na deliberação.



Evocação da revolta dos marinheiros de 1936

Na manhã de sábado, 13 de Setembro, organizada pela Associação de Praças e pelo Clube de Praças da Armada, realizou-se a comemoração do Dia Nacional da Praça das Forças Armadas, em cerimónia realizada no Centro Cívico do Feijó, no concelho de Almada, junto ao Monumento ao Marinheiro Insubmisso, celebração que teve como objectivo relembrar os marinheiros que participaram na revolta antifascista de 8 de Setembro de 1936.

Na cerimónia participaram representantes das autarquias locais, que depositaram flores junto ao monumento expressando assim o seu de reconhecimento pela importância daquela comemoração e do importante papel das Forças Armadas na defesa da soberania nacional.

A URAP participou na iniciativa como entidade convidada de honra e foi representada por Carlos Mateus, do Conselho Directivo e da Comissão Executiva. Para além do presidente da Associação de Praças, o Cabo-Mor RES Paulo Sopinha do Amaral, interveio também Carlos Mateus, afirmando que o dia 25 de Abril de 1974 “não chegou por acaso, mas é fruto de muitas e diversas circunstâncias e da acumulação de muitas lutas que ao longo dos 48 da ditadura mantiveram viva no seio do povo a chama da resistência, foram desgastando o regime e criando condições para o seu derrube, de entre as quais se conta a memorável revolta dos bravos marinheiros em 8 de Setembro de 1936.”.



**Companheiro,
dá mais força à URAP**

**Paga a tua quota através do
NIB 0007 0021 0014 3750**

Envia comprovativo para a URAP.

https://www.instagram.com/urap_resistentes.antifascistas/

**Já é possível seguir a URAP
no Instagram**

Segue, partilha e comenta



WWW.URAP.PT

www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses
www.instagram.com/urap_resistentes.antifascistas

